

Prémio de Cravo (Conservatório Superior de Paris-CNR) e o Mestrado em Estudos da Criança – Especialização em Educação Musical (Universidade do Minho). Tem desempenhado atividade docente, de interpretação como cravista e de investigação na área da musicologia. Editou na Scala Aretina a partitura das *Sei Sonate per Cembalo* de Alberto José Gomes da Silva, em colaboração com Gerhard Doderer. Atualmente prepara um Doutoramento sobre sonatas portuguesas para instrumentos de tecla da segunda metade do século XVIII, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Os Espelhos quinhentistas de Francisco de Moçon: do discurso sobre música às práticas e sociabilidades musicais

Manuela Oliveira

CESEM - Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Em Portugal, a tradição dos Espelhos, esporádica nos séculos XIV e XV, conhece um novo impulso no reinado de D. João III, nomeadamente graças à obra “pedagógica” de Francisco de Moçon (?-1575), Doutor em Teologia da Universidade de Alcalá de Henares e de Coimbra, capelão régio e pregador da corte ao serviço de D. João III. Nesta comunicação pretendemos debruçar-nos sobre a visão pedagógica de Francisco de Moçon em torno das sociabilidades associadas à música (e à dança) e às práticas musicais em si. Nesse sentido, a nossa reflexão enquadra-se nas mais recentes perspectivas em presença nos quadros teóricos no domínio dos *Estudos sobre as mulheres* (problematizando o lugar da mulher na construção da História) e dos *Estudos do género*, no âmbito da *Sociologia da música* (reflectindo em torno dos discursos sobre as práticas culturais como forma de construção e veículo da identidade social).

No seu *Libro Primeiro d[e]l Espejo d[e]la Pri[n]cisa Christiana* (manuscrito provavelmente anterior a 1544) e no *Libro Primeiro del Espejo d[e]l Principe Christiano* (publicado em 1544), o autor consagra alguns capítulos à música, enquanto componente da formação das elites aristocráticas e lugar de sociabilidades próprio de uma corte. Problematizando as diversas referências à arte musical quer no Espelho dedicado a D. Catarina de Áustria e escrito para a Infanta D. Maria, quer no dedicado a D. João III e dirigido ao príncipe herdeiro D. João, procuramos entender o lugar e o estatuto explícita ou implicitamente concedido à música na formação das elites, bem como os modelos referenciais e as diferenciações em termos de discurso (como a construção dos papéis sociais ditos “naturais”). Para além disso, procuramos também compreender as suas implicações nas práticas e sociabilidades culturais, neste caso musicais, bem como o modo como essas últimas se tornam, por sua vez, espelhos de construção e diferenciação de género.

Manuela Morilleau de Oliveira é doutoranda em Ciências Musicais Históricas na FCSH-UNL, enquanto bolsista do Programa Doutoral “Música como cultura e cognição”, e a sua investigação centra-se nos domínios da Sociologia da Música, Estudos de Género e História Moderna. Estudou em França, onde obteve o DEUG em Musicologia (1998) na UFR Ciências Humanas de Poitiers. Na FCSH-UNL obteve a Licenciatura em Ciências Musicais (2006) e o Mestrado em Musicologia Histórica (2012), com uma tese intitulada *As mulheres da família real portuguesa e a música:*

estudo preliminar de 1640 a 1754. É membro fundadora do NEGEM (Núcleo de Estudos em Género e Música) no âmbito do CESEM.

“Podem chamar-lhe loucura, mas achamos que é cultura”: a performance do transformismo em Lisboa

Marco Roque de Freitas

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Este paper aborda a relação entre música, género e sexualidade no Finalmente Club, discoteca pertencente ao *Roteiro Gay de Lisboa*. Recorro, para o efeito deste estudo, à análise etnomusicológica da performance do transformismo apresentada nesse espaço ao longo dos últimos quarenta anos, procurando compreender os valores subjacentes a esta prática, os critérios de escolha do repertório, o estatuto social e laboral dos artistas associados, a sua relação com o público, bem como a sua luta diária para que os *shows* de transformismo sejam apreciados enquanto “espetáculos culturalmente relevantes”.

Marco Roque de Freitas é doutorando em Ciências Musicais, variante de Etnomusicologia na FCSH-UNL. Entre 2010-2013 foi docente nessa instituição nas disciplinas “Etnomusicologia: Introdução” e “Etnomusicologia: Culturas Musicais do Mundo” nos cargos de monitor e assistente convidado, sob a supervisão do Professor Doutor João Soeiro de Carvalho. Os seus interesses teóricos centram-se na história da Etnomusicologia e no papel da música e dança para a construção de identidades de género e sexualidade; e nacionalismo na África subsaariana, temática sobre a qual desenvolve atualmente estudos doutorais na FCSH.

José dos Santos Pinto: Oboísta, Pedagogo e Compositor a Descobrir

Margarida Cardoso

Universidade de Aveiro

Recentemente foi doado o espólio de José dos Santos Pinto (1915-2014) ao município de Mangualde, facto que levou ao início do tratamento do mesmo e a uma investigação, no sentido de descobrir e posteriormente divulgar o papel deste como oboísta, pedagogo, maestro e compositor.

Natural de Lobelhe do Mato (freguesia do concelho de Mangualde), Santos Pinto terá passado por: Banda Regimental de Viseu, entretanto extinta; Banda da Guarda Nacional Republicana; Orquestra Filarmónica de Lisboa; Teatro Nacional de São Carlos; Orquestra da Emissora Nacional e Quinteto Nacional de Sopro. Terminou o curso superior no Conservatório Nacional, onde viria a ser professor durante largos anos, e no *Conservatoire Nationale de Musique*.

Patenteou um oboé original, que nunca chegou a ser fabricado. Como compositor deixou-nos poemas sinfónicos, concertinos, sonatas, marchas, entre outros. Terá dirigido a Orquestra da Radiodifusão Portuguesa e estreado algumas das suas obras com orquestras existentes no seu tempo.

Que pistas nos podem ser fornecidas pelos manuscritos? Em que meios circulou? Como era visto como oboísta, compositor ou chefe de orquestra? Que